

REVELANDO O PATRIMÔNIO TOPONÍMICO DE MINAS GERAIS DO PERÍODO COLONIAL E DO JOANINO: DOS REGISTROS CARTOGRÁFICOS HISTÓRICOS A UM ATLAS DIGITAL

*Revealing the Toponymic Heritage of Minas Gerais in the Brazilian
Colonial and Johannine Periods: From Historical Cartographic Records
to a Digital Atlas*

*Márcia Maria Duarte Santos**

*Maria Cândida Trindade Costa de Seabra***

RESUMO: Documentos cartográficos são memórias históricas e linguísticas de grande interesse para a Onomástica. Objetos deste trabalho sobre a toponímia mineira foram estudados em mapas dos Setecentos e dos Oitocentos, referentes ao território da Capitania e de suas Comarcas, circunscrições política-administrativas coevas. Os acidentes enfocados na área, correspondentes a uma cidade, às vilas, aos arraiais, aos registros, às aldeias e aos gentios, possibilitaram a identificação de nomes geográficos. Estes foram organizados em um banco de dados histórico, visando, entre outros, à produção de um atlas eletrônico. A análise dos dados objetivou, por sua vez, definir os principais padrões motivadores no ato de nomeação, as camadas dialetais presentes na língua e a permanência dos topônimos no território, atualmente. A consecução desses objetivos requereu e propiciou procedimentos para o tratamento técnico-cartográfico, geográfico e bibliográfico de documentos, facilitados pelo uso de aplicativos digitais, e a veiculação de produtos em mídias eletrônicas e em ambiente museológico.

Palavras-chave: Toponímia histórica; Cartografia histórica; Atlas digital toponímico; Capitania de Minas Gerais.

ABSTRAT: *Cartographic documents about Minas Gerais are historical linguistic memories of great interest to the Onomastics. Objects of this work on the toponymy of Minas Gerais, they were studied: maps from the Brazilian Colonial Period (1720-1808) and the Johannine Period (1808-1821) for the territory of the Province and its Counties, contemporary political-administrative circumscriptions; and geographical features, corresponding to human settlements called towns, villages and others native villages and population. These were arranged in a diachronic database aiming at the production of an digital atlas. Data analysis aimed, in turn, define the main motivators*

* Doutora em Geografia (Organização do Espaço), professora aposentada do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil – mdsantos@yahoo.com.br

** Doutora em Estudos Linguísticos, professora da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil – candidaseabra@gmail.com

standards in the act of denomination, the dialectal layers present in the language and the permanence of those in the current toponymy. The achievement of these objectives and the consideration of research products have required and provided procedures for: the technical cartographic, geographic and bibliographic treatment of documents, facilitated by the use of digital applications; and the publication of products in electronic media, with an interactive digital signage display as support, in a museum environment.

Keywords: *Historical toponymy; Historical Cartography; Digital toponymic atlas.*

Introdução

Documentos cartográficos históricos são fontes primárias de informação para diversas áreas de conhecimento científico, cultural e artístico, destacando-se como patrimônio linguístico de grande valor para os estudos Onomásticos. Em relação aos documentos sobre Minas Gerais, essa constatação tem sido afirmada em estudos realizados, sobretudo por Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, a partir de 2004, e, mais recente e sistematicamente, no âmbito do projeto *Registros cartográficos históricos: Revelando o patrimônio toponímico de Minas Gerais do período Colonial e Joanino*.¹

Neste artigo, apresentam-se alguns dos resultados do projeto citado que abrangeu mapas do período Colonial (1720-1808) e Joanino (1808-1821), referentes ao território da Capitania e de suas Comarcas, circunscrições política-administrativas coevas, a saber, Vila Rica, Rio das Mortes, Sabará, Paracatu e Serro. Os topônimos inventariados pelo estudo foram organizados em um banco de dados histórico, visando, entre outros, à produção de um atlas, para ser consultado em mídias eletrônicas em bibliotecas e ambientes museológicos. A análise dos dados objetivou, de um lado, definir os principais padrões motivadores no ato de nomeação, as camadas dialetais presentes na língua e a permanência dos topônimos no território atualmente; e, de outro, destacar a situação político-administrativa dos acidentes mineiros enfocados e a distribuição geográfica dos fatos linguísticos concernentes. A consecução desses objetivos requereu e propiciou procedimentos para o tratamento técnico-cartográfico,

¹ O Projeto, apoiado pelo CNPq, Processo nº 408869/2013-5, é desenvolvido por equipe interdisciplinar, coordenado por Maria Cândida Trindade Costa Seabra. Sobre estudos já publicados, tratando da cartografia e da toponímia histórica, citam-se, entre outros: SEABRA e SANTOS (2012), SANTOS e SEABRA (2011 a e 2001 b; 2015)

geográfico e bibliográfico de documentos, facilitados pelo uso de aplicativos digitais (Imagem 1 e 2).



Imagem 1: Tela de abertura do atlas eletrônico sobre a toponímia de Minas Gerais.



Imagem 2: O conteúdo explorado no atlas sobre o patrimônio linguístico de Minas Gerais dos Setecentos aos Oitocentos, período Joanino.

1 Procedimentos teórico - metodológicos

A pesquisa linguística apoiou-se em fundamentos propostos por DAUZAT (1926) e DICK (1990). Considerando estudos toponímicos no Brasil, com a mesma filiação teórica, verifica-se que eles têm se beneficiado, metodologicamente, de um recurso de registro de dados proposto pela autora já citada, DICK (1990), denominado ficha lexicográfica-toponímica. Algumas vezes, essa ficha é empregada com modificações, como em SEABRA (2004), o que se sucedeu nesta pesquisa. Nela, as adaptações realizadas foram mais de natureza instrumental do que conceitual, tendo como suporte um editor de texto e uma planilha.

O uso de planilhas, Excel, foi definido considerando possibilidades de se armazenar e, ainda, de se quantificar e representar os fatos linguísticos e geográficos pesquisados que se coadunam com a estrutura tabelar do recurso. Nessa base, a construção do banco de dados históricos seguiu os seguintes procedimentos:

- organização de dois conjuntos de planilhas, em referência aos períodos estudados, para cada uma das Comarcas e para a Capitania de Minas Gerais;
- apresentação da totalidade dos topônimos levantados e de relações parciais, consonantemente às fontes analisadas, respectivamente, na primeira planilha de cada conjunto e nas subsequentes;
- duplicação da estrutura de armazenagem de dados em cada planilha para distinguir os topônimos identificados dos que não puderam ser identificados na atualidade, ou seja, no espaço geográfico hodierno;
- registro do campo observações, pesquisador e data, revisão e data, em cada planilha.

Por sua vez, a composição das planilhas observou os critérios relativos

- a cada uma das fontes analisadas, nos eixos das:
- ordenadas, registrou-se a entrada lexical, abrangendo os topônimos atuais, correspondentes aos topônimos históricos;
- abscissas, anotou-se seis conjuntos de atributos, o primeiro e o segundo encerrando conceitos referentes à localização (Estado, mesorregião e microrregião) e ao acidente geográfico da entrada lexical (Sede municipal, sede distrital, povoado, barra, entre outros); o terceiro, à classificação toponímica (natureza, origem, motivação); os

restantes compreendendo os topônimos históricos, sua situação geográfica e classificação toponímica, características discriminadas anteriormente.

- as planilhas de síntese, referentes aos períodos estudados, para cada Comarca e para a Capitania, o eixo das:
 - ordenadas, identificado com a entrada lexical, abrangeu apenas a atualização dos topônimos identificados;
 - abscissas, a par dos conceitos referentes à localização e aos acidentes geográficos ligados às entradas lexicais, os subsequentes relacionaram os topônimos presentes em cada uma das fontes da amostra estudada.

A análise dos dados contou com tratamento estatístico descritivo que incluiu a construção de diagramas. Esses procedimentos, úteis para o estabelecimento de parâmetros relacionados às distribuições de frequência e de medidas de tendência central e de dispersão, foram complementados com os de tratamento cartográfico. Empregando-se, desta feita, o ARC GIS, construíram-se mapas temáticos - coleções de mapas e mapas de síntese, a partir dos documentos históricos, para enfatizar o conhecimento da distribuição espacial dos fatos linguísticos pesquisados. Esse tipo de tratamento fundou-se em princípios e regras da Semiologia Gráfica, propostos por BERTIN (1973) e KNOWLES (2012).

Nos registros dos dados, tendo como base o editor de texto, procedeu-se a organização de informações, relacionadas com o histórico, incluindo a formação administrativa, e as enciclopédicas sobre o topônimo. Além disso, os verbetes elaborados foram também registrados nesse ambiente, seguindo indicações de VIARIO (2011) e modelo proposto por SEABRA (2004).

2 Sobre os mapas e os *corpora*

Os mapas estudados, apresentados na Figura 2, são anônimos e autógrafos. Na mostra reunida, os autores declarados, José Joaquim da Rocha, Caetano Luís de Miranda e o Barão de Eschwege, com exceção ao segundo, apresentam formação e

atuação como militares.² Porém, todos, independentes de terem seus nomes conhecidos, podem ser ligados direta e indiretamente às atividades de planejamento e administração da Capitania de Minas Gerais.,haja vista, de um lado, o contexto de produção cartográfica da época e o conhecimento geográfico que os realizadores dos mapas demonstram e/ou denotam ter tido acesso.

Esses documentos têm como referencial o paradigma astronômico, definindo as latitudes e as longitudes dos lugares constantes nas representações, e enfocando os mesmos acidentes geográficos, relacionados, de modo geral, às legendas. Os acidentes definem a natureza dos mapas que podem então ser considerados da mesma espécie ou pertencentes à mesma classe. Na perspectiva da consistência dos dados reunidos, essa característica da mostra é importante. Nesse caso, a variação do número de topônimos, de um mapa para outro, não mostrará aspectos linguísticos ou geográficos suscetíveis de serem explicados pelo mapeamento de acidentes de outra natureza.

Outra característica que se ressalta é que os mapas estudados têm escalas diferentes. Em relação às representações da Capitania, a menor e a maior são assinaladas, respectivamente, ao de Rocha (1778a) e de Eschwege (1821), enquanto as intermediárias são relativamente próximas. Nos mapas das Comarcas, todos de autoria de Rocha, as escalas dos datados 1777, 1778 e 1779 são muito semelhantes, mas as representações de maior escala correspondem à Comarca Rio das Mortes, e a de menor, à de Vila Rica. A propósito, observa-se que os mapas apresentam informações com níveis de generalização compatíveis com suas escalas, excetuando-se o mapa anônimo da Capitania de Minas Gerais de 1767. Nota-se também que a variação das escalas significa, de um lado, oportunidades para a pesquisa abarcar um número maior de topônimos, e, de outro lado, limitações para as considerações sobre os novos assentamentos da população que se somaram, nos Oitocentos, do período Joanino, aos dos Setecentos.

Em razão dessas escalas, tendo em vista os acidentes geográficos estudados, correspondentes a cidades, vilas, arraiais (capelas e paróquias), registros, aldeias e aos gentios, foram reunidos cerca 2 250 nomes geográficos. Em relação a esses dados,

² Notas biográficas sobre os autores citados são encontradas, entre outros: SANTOS, CINTRA, COSTA (2011); RENGER(2002); LIBBY (2002);RESENDE (1995).

aproximadamente 73 % são contabilizados para os Setecentos e 27% aos Oitocentos. A discrepância do número absoluto de topônimos inventariados para os Setecentos e Oitocentos, período Joanino, e sua participação percentual diferenciada correspondem ao número de documentos estudados para cada época, predominando os do período Colonial.

O estado da arte da cartografia, dentre outros aspectos políticos, sociais e econômicos daquele período e a extensão temporal consignada ao Joanino não favoreceram as suas realizações, ao contrário dos Setecentos. Na amostra dos Oitocentos Joanino, não foi possível somar nomes geográficos coletados em mapas especificamente realizados para as Comarcas existentes na época, como realizado no catálogo setecentista. A propósito, os dados da Comarca do Paracatu, criada em 1815, só foram arrolados a partir do mapa de Eschwege (1821). Não obstante, os períodos estudados foram bem representados, considerando características das produções cartográficas e de seus produtores.



Imagem 3: A amostra cartográfica estudada, em tela do atlas toponímico sobre a Capitania de Minas Gerais.

3 Fatos linguísticos pesquisados

A propósito da natureza dos topônimos mineiros coloniais, destaca-se a predominância dos antropoculturais. Em relação ao total de nomes levantados para a Capitania, as Comarcas de Vila Rica e de Paracatu, respectivamente nos Setecentos e Oitocentos, assinalam as maiores participações da categoria. Entretanto, os topônimos antropoculturais, relacionados aos totais de seus territórios, as Comarcas, mostram incontestavelmente a posição predominante de Vila Rica em um e outro período. É importante realçar também que a Comarca do Serro Frio contradiz a tendência explicitada anteriormente. Nela, os topônimos físicos sempre se sobressaem, e um pouco mais preponderantemente nos Oitocentos.

Sobre as categorias taxionômicas que descrevem a motivação dos topônimos físicos, não se constatou diacronicamente diferenças entre as taxas que apresentam as maiores frequências percentuais, a saber, fitopônimos, hidrotopônimo, geomorfotopônimos, litotopônimos zootopônimos. Os hidrotopônimos correspondem à taxa de maior frequência e a mais ubíqua. Em relação aos nomes geográficos antropoculturais, os mais frequentes, nos Setecentos e Oitocentos, são os animotopônimos, antrotopônimos, hagiopônimos, hierotopônimos e os sociotônimos e os politopônimos. Distribuindo-se por todas as comarcas mineiras, os hagiopônimos e os hierotopônimos são notáveis, embora, assim como os antropotopônimos, principalmente estes, estejam sempre significativamente relacionados à Comarca de Vila Rica. Regionalmente, observa-se também que os sociotopônimos e os animotopônimos são muito bem representados na Comarca do Rio das Mortes.

Quanto à origem, os nomes geográficos são majoritariamente provenientes da língua portuguesa, apresentando a tendência de participação crescente nos Oitocentos. Aos 66% e 70% de nomes portugueses, somam-se as contribuições dos originados das línguas indígenas, respectivamente, nos Setecentos e Oitocentos, 21% e 20%, e dos topônimos de base híbrida, a saber, 8% e 6%. Fazem parte do setor que reuniu contribuições de outras línguas os nomes de origem africana, cujos grupos étnicos marcaram significativamente a constituição da população mineira dos períodos estudados. Não obstante, ressalta-se que em termos de contribuições para a nomeação do território deixaram apenas três registros nas representações cartográficas estudadas. Nas Comarcas, tanto em um e outro período enfocado, a predominância da língua

portuguesa se mantém, mas as posições das bases linguísticas indígenas. As características desse notável conjunto de nomes geográficos foram interpretadas considerando aspectos sociais, culturais e geográficos.

Atlas eletrônico – considerações finais

Organizados e tratados os dados coletados, foi possível delinear aspectos de um dos produtos visados com a pesquisa sobre os topônimos históricos de Minas Gerais que se apresenta nesta comunicação - o atlas eletrônico. Alguns pressupostos orientaram sua organização, destacando a compreensão *latu sensu* do conceito. Nesse sentido, o atlas, além de mapas, comunica os resultados alcançados por meio de diagramas, representações figurativas e textos. Além disso, esse produto foi estruturado para permitir dois níveis de leitura ou comunicação ao usuário: um mais imediato, direcionado ao visitante de instituições museológicas, que teria acesso a uma tela de aproximadamente 19 polegadas; e outro ao estudioso que poderia se dedicar à leitura do material por um tempo maior, usando suporte computadores de mesa (*desktop*) ou portáteis, *notebooks e handhelds*. Observa-se que um e outro usuário deverão ter acesso a informações de síntese. Eles irão se informar sobre o léxico toponímico dos Setecentos e Oitocentos, e seus legados que se tornaram patrimônio linguístico do atual Estado de Minas Gerais, tendo em vista tendências gerais, explicitadas diacrônica e regionalmente, além de exemplos notáveis.

Topônimos de Minas Gerais

Formação do território e do léxico toponímico

A ocupação do interior do sudeste da América portuguesa foi marcada pela procura e impulsionada por achados minerais. Os nomes atribuídos ao território que se configurou, a partir do início dos Setecentos, são reveladores da história e geografia desse sertão.

Minas de Ouro, registrado em 1709, quando a área foi vinculada à Capitania de São Paulo, declarava a índole dos descobertos. Minas Gerais, o topônimo escolhido para a Capitania criada em 1720, alardeava a onipresença das jazidas.

É esse litotopônimo, de natureza física e de origem portuguesa, que permaneceu, nomeando o Estado e compondo o rico léxico toponímico mineiro.

Fazem parte desse patrimônio outros nomes das Minas Gerais, formados nos Setecentos e Oitocentos?

Mapa da maior parte da costa, e sertão, do Brasil. Extraído do original do Pe Cocleo >

Mapa das Minas do Ouro e S. Paulo e Costa do Mar que lhe pertence >

Carta Geográfica da Capitania de Minas Gerais, e Partes Confinantes >

continuar >

Patrimônio Toponímico na Cartografia Histórica de Minas Gerais

Parte 1 **Formação do território e do léxico toponímico** Parte 2 **Registros setecentistas e do período joanino, oitocentista** Natureza Motivação Origem

Imagem 4: Exemplo dos níveis de leitura das telas do atlas Patrimônio Linguístico de Minas Gerais dos Setecentos e Oitocentos, período Joanino.

Tendo em vista o exposto, espera-se que as informações de síntese possam se constituir para os usuários do Atlas em referenciais cognitivos. Nesse sentido, dados provenientes de sua experiência ou conhecidos indiretamente, informações de menor nível de generalização, peculiares ou singulares, podem ser dimensionadas, adquirido mais significado e valor.

Referências

BERTIN, J. *Sémiologie Graphique: Les Diagrammes, les Réseaux, les Cartes*. 2ª. Ed. Paris: Gauthiers – Villars, 1973.

DICK, M. V. de P. do A. *A Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo. Edições Arquivo do Estado, 1990.

KNOWLES, A. K. (Ed.) *Past Time, Past Place*. GIS for History. Redlands, California: ESRI Press, 2002.

LIBBY, D. C. Eschwege e os primeiros anos no Brasil. In: ESCHWEGE, Wilhelm von. *Jornal do Brasil, 1811-1817: ou relatos diversos do Brasil, coletados durante expedições científicas*. Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Histórico e Culturais, 2002, p. 19-24.

RENGER, E. F. Eschwege, o brasilianista. In: ESCHWEGE, W. von. *Jornal do Brasil, 1811-1817: ou relatos diversos do Brasil, coletados durante expedições científicas*. Belo

Horizonte, Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Histórico e Culturais, 2002, p. 11-17.

RESENDE, M. E. L. Estudo Crítico. In: ROCHA, J. J. da. *Geografia Histórica da Capitania de Minas Gerais: Descrição Geográfica, Topográfica, Histórica e Política da Capitania de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1995. p.17-29.

SANTOS, M. M. D.; CINTRA, J. P.; COSTA, A. G. A Capitania de Minas Gerais no início dos Oitocentos, segundo a cartografia de Caetano Luiz de Miranda: Informações Fidedignas? *Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG*, Belo Horizonte, v.XX, Tomo II, 2011, p. 267-300.

SANTOS, M. M. D.; SEABRA, M. C. T. C. Registros onomásticos da Comarca de Vila Rica, na Capitania de Minas Gerais: a toponímia de origem portuguesa em mapas dos Setecentos e Oitocentos. *Anais do IV Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica*. Porto: Universidade do Porto, 2011a.

_____; _____. Motivação toponímica da Comarca do Serro Frio: estudo dos registros setecentistas e oitocentistas em mapas da Capitania de Minas Gerais. *Arq. Mus. Hist. Nat. Jard. Bot.*, v. 20, t. 2, 2011b, p. 237-26.

_____; _____. Memória do patrimônio linguístico de Minas Gerais: Análise da motivação toponímica de natureza física da Comarca de Vila Rica em registros cartográficos históricos. *Revista Brasileira de Cartografia*, Rio de Janeiro, n. 67/4, 2015, p. 787-803.

SEABRA, M. C. T. C. *A formação e a fixação da Língua Portuguesa em Minas Gerais: a Toponímia da Região do Carmo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras / UFMG, tese de doutorado, inédita, 2v, 2004

SEABRA, M. C. T. C.; SANTOS, M. M. D. Toponímia de Minas Gerais em Registros Cartográficos Históricos. In: ISQUERDO, A. N.; SEABRA, M. C. T. C. *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*, volume VI. Campo Grande: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2012. (Ciências do Léxico, v. 3) p. 245-258.

SAPIR, E. *Linguística como ciência – Ensaio*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961.

VIARO, M. E. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

Referências Cartográficas

CARTA *Geographica da Capitania de Minas Geraes, e Partes Confinantes*. Rio de Janeiro, RJ: AHEx - Arquivo Histórico do Exército, 1767.

ESCHWEGE, G. B. *Mappa da Capitania de Minas Gerais*. Lisboa, Portugal: Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar, 1821.

MAPPA *Topográfico e Hidrográfico da Capitania de Minas Geraes*. Rio de Janeiro, RJ: AHEx - Arquivo Histórico do Exército [c. 1791].

MIRANDA, C. L. de. *Carta Geographica da Capitania de Minas Geraes*. Rio de Janeiro, RJ: AHEX - Arquivo Histórico do Exército, 1804.

ROCHA, J. J. da. *Mappa da Capitania de Minas Geraes: Que mandou fazer o ILL.^{mo}, E EX.^{mo} Senhor D. Ant^o. De Noronha, governador e capitão gen.^{al} da mesma Capitania*. Rio de Janeiro, RJ: BN - Biblioteca Nacional, 1777.

_____. *MAPPA DA COMAR:ca do Ro das Mortes, pertencente a capitania de Minas geraes: que mandou descrever o Illustr^{íssimo} e Excel.^{entíssimo} Senhor D. Antonio de Noronha, Governador e Capit. ^{am} General da mesma Capitania, segundo as mais exactas informaçens*. Rio de Janeiro, RJ: BN – Biblioteca Nacional, 1777.

_____. *MAPPA da comarca do sabará pertencente a capitania de Minas Geraes. Esta descripção a mandou fazer o Ill^{mo}. E Ex^{mo}. Senhor d. Antonio de Noronha governador, e capitão general da mesma capitania, conforme asmais certas e novas observaçoens feitas com grade trabalho do seu autor*. Rio de Janeiro, RJ: BN – Biblioteca Nacional, 1777.

_____. *Mappa da Capitania de Minas Geraes com a devisa de suas Comarcas*. Rio de Janeiro, RJ: AHEX – Arquivo Histórico do Exército, 1778.a

_____. *MAPPA DA COMARCA DO R.o DAS MORTES*. Rio de Janeiro, RJ: AHEX – Arquivo Histórico do Exército, 1778.b.

_____. *Mappa da Comarca de Sabará*. Rio de Janeiro, RJ: AHEX – Arquivo Histórico do Exército, 1778.c.

_____. *Mappa da Comarca do Serro Frio*. Rio de Janeiro, RJ:– AHEX – Arquivo Histórico do Exército, 1778.d.

_____. *Mappa de Villa Rica*. Rio de Janeiro, RJ: AHEX – Arquivo Histórico do Exército, 1778.e

_____. *Mappa da Comarca de Villa Rica*. Rio de Janeiro, RJ: BN – Biblioteca Nacional, 1779.

_____. *Mappa da Capitania de Minas Geraes*. Porto/Portugal: Biblioteca Pública Municipal do Porto /Portugal, 1793.

TAVARES, A. V. de C. *Mappa da Capitania de Minas Geraes*, cópia 1870. Rio de Janeiro, RJ: AHEX- Arquivo Histórico do Exército, 1870.